

Convite a um banquete dionisíaco

Michel MAFFESOLI. **A parte do diabo**. Resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004. 191 p.

Cíntia San Martin Fernandes*

Resenhas

Em uma de suas obras, Z. Bauman chama a atenção sobre a diferença entre ser um sociólogo pós-moderno e ser um sociólogo que estuda a Pós-Modernidade. Michel Maffesoli encontra-se na segunda definição. É um pensador que olha para o que está no mundo. Olha para os fenômenos contemporâneos. Preocupa-se em compreendê-los. E, seguindo o percurso de Weber, Simmel e Heidegger, nos convida a olhar fenomenologicamente para o viver social contemporâneo e a exercitar uma compreensão que seja capaz de retirar o julgamento moral de nossas análises sociológicas.

Sua vasta obra, que se iniciou em 1976 com *A Lógica da dominação*, seguida em 1979 por *A violência totalitária*, passando por *A sombra de Dionísio* (1985) e *Tempo das tribos* (1987) entre outros, oferece um material teórico-epistemológico diferenciado, no mínimo ousado, diante de sociologia produzida pelos pensadores da Modernidade. Michel Maffesoli inaugura uma sociologia da sensibilidade. Uma sociologia que não despreza todos os sentidos e sentimentos que compõem o viver social. Uma sociologia que busca compreender as experiências coletivas e as relações intersubjetivas, considerando suas facetas lúdicas, rotineiras, ou ainda “perversas”. Uma sociologia que está preocupada não somente com a razão instrumental (conforme os frankfurtianos), mas também com a razão sensível.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em *A parte do diabo*, recém-publicado no Brasil, Michel Maffesoli apresenta o que chama de epistemologia do mal a partir do reconhecimento de que a vida cotidiana se constitui de um húmus, de uma base fundante, onde o bem e o mal perdem sentido no momento em que o homem busca viver o prazer e as sensações mais primitivas como animal. O profano está na vida banal. No entanto, isto não significa que o sagrado tenha sucumbido. Pelo contrário, Maffesoli nos anuncia um estar barroco, onde luz e sombra compõem a teia social. Onde a tragédia, e não mais o drama, assume o enredo da vida comum. A vida é trágica. A Pós-Modernidade assume a dualidade da tragédia. A violência, a dor e o sofrimento fazem parte da vida, assim como a celebração e as fantasias mais selvagens, mais cruas, mais animais.

Neste sentido, Maffesoli argumenta:

Apocalipse não significa necessariamente catástrofe. Há uma exaltação no ar. E quando as techno-parades, as efervescências musicais e outras efervescências anômicas encenam o selvagem, o bárbaro, o demoníaco e outras fantasias animais, quando a pele, a epiderme e os humores se exibem, tudo é feito numa inocência benigna e com uma inegável vitalidade. A teatralização do daimon é uma boa maneira de domesticá-lo, de proteger-se dele. Velha sabedoria popular que afirma que mais vale compor com a sombra do que negá-la. Não fugir dela, mas passar através dela... Posição pouco confortável, é verdade, mas ainda assim sabedoria, que, no dia-a-dia, homeopatiza o mal até fazer com que proporcione o bem de que também é portador (p. 54).

Há na Pós-Modernidade um êxtase fusional entre tribo, normas, sentimentos, formas, espírito, corpo, coletivo e indivíduo (*persona*). Há uma conjunção de tensão entre estes fatores que compõem a morfologia social. E, segundo o autor, o pensamento que melhor representa este momento é aquele que parte da aceitação desta tensão, do conflito entre os fatores, não aquele que busca obsessivamente esquematizar o mundo através da separação e divisão (pensamento moderno), mas sim um que compreenda e privilegie, de certa forma, a experiência, a interatividade, os sentimentos humanos, ou seja, as coisas que constituem a “socialidade” cotidiana.

Esta “socialidade” convive concomitantemente com os arcaísmos e com o desenvolvimento tecnológico, convive com o racional e com o sensível, com as paixões, com o “indizível”. Convive com o vazio e com a criação que surge a partir deste. Convive com o espírito e o desejo carnal, com o bem e o mal, com a sede de um presenteísmo sem fim, no qual os projetos políticos emancipatórios utópicos clássicos não representam mais o foco da juventude, mas sim o desejo de estar e sentir a vitalidade do mundo, experimentando a dualidade.

E é justamente a sinergia de aliar os contrários que dá o tom desta socialidade. Longe da linearidade da idéia de progresso da Modernidade e do “social moderno” centrado na razão, na utilidade e no trabalho, e cada vez mais próxima da idéia de uma colcha de retalhos, onde o sincretismo impera, onde as imagens cotidianas trabalham sobre arquétipos que estão na pré-formação da vida social. A fim de existir a fusão do *pathos*, a socialidade integra parâmetros essenciais como o lúdico, o onírico e o imaginário. Ela é representativa de uma sabedoria integradora da alteridade, de uma “sabedoria dionisíaca”,

Trata-se de uma outra sabedoria, vale dizer, uma sabedoria integradora da alteridade, qualquer que seja ela... A crueldade, portanto, tem seu lugar na socialidade pós-moderna. Esta sensibilidade em relação ao outro (em si, na natureza, na vida social) leva a uma concepção ampliada da realidade. Realidade plural, polissêmica. Realidade absoluta. A da experiência e do vivido coletivo (p. 149).

Dentro desta existência sincrética os indivíduos se reconhecem e se re-encontram consigo mesmos e com os outros, dentro de um movimento moto-contínuo, no qual, seguidamente, identificam-se tanto com um grupo como com outro. Ora fazem parte de uma tribo, ora de outra. Assim seguem costurando suas identidades, que já não são mais fixas, mas sim complexas e ambíguas. Para Maffesoli, a identidade se fragiliza, e as diversas identificações, por outro lado, multiplicam-se.

O autor preocupa-se sobretudo com o conteúdo das relações sociais e das formas sociais. Considera as formas estáticas e as dinâmicas como constantes do movimento social. Não busca o

progresso nem a linearidade. Preocupa-se, sim, com o “enraizamento dinâmico”. Preocupa-se em mostrar, através de sua sociologia, a existência e persistência do *ser duplo*, do barroco.

A recusa desta ambivalência, das efervescências orgiásticas vividas nas *raves*, nas *techno-parades*, nos símbolos tatuados nos corpos, nos cabelos pintados, nos concertos de Madonna, Rolling Stones ou ainda em festas populares profanas, mascara a realidade contemporânea. Assumi-las significa, para a Sociologia, mostrar a cumplicidade intuitiva e libidinal com a vida cotidiana. Trazer à luz e reconhecer que existe uma “proximidade libidinal” entre as coisas que estão no mundo e nós mesmos significa um religamento e uma aproximação entre sujeito e seu objeto de estudo. Para além de descrever, pode-se seguir a intuição, tentando perceber o vitalismo e a pulsação da vida cotidiana. Para além de objetivá-la, pode-se senti-la. Pode-se de fato “olhar por dentro”.

E “olhar por dentro” significa reconhecer a “parte maldita”, o “instante obscuro” e “os excessos”, embora, segundo o autor, isto pareça sempre algo delicado, e não raro malvisto. Assim, Maffesoli empenha-se ao longo do texto em esclarecer o que denomina de “orgia”. Para ele,

[...] o que é esta orgia senão o aspecto fundador de uma paixão comum, de emoções tornadas comuns, de sentimentos que saem para a praça pública, em suma, de afetos que não se preocupam com o “vertruísmo” (V. Pareto) das almas boas? Nunca será demais repetir como os ajuntamentos techno, as múltiplas oportunidades de fazer festa, o sucesso das boates, dos lugares de trocas sexuais, tudo isto relembra que ao contrário de uma simples “economia” de si, existem culturas que repousam essencialmente na despesa, no consumo, na destruição. Coisas perseguidas pela imperfeição, o mal, a sede do infinito (p. 80).

Neste sentido, a proposta fenomenológica de Maffesoli nos incita a olhar para o que não está na racionalidade instrumental. *A parte do diabo* nos convida a compreender que na Pós-Modernidade, o onírico, o hedonismo, as celebrações estão presentes nos domínios do corpo social. Estes excedem a esfera privada e circulam na esfera pública cotidiana. Estes, ao lado da economia e da política, ocupam espaço fundamental nas expressões dos valores e das emoções coletivas. Assim, os atores sociais não são,

de maneira alguma, enganados dos valores que praticam; eles jogam, criam e os recriam. Assume-se a perspectiva de que a exploração, a alienação e a dominação são de certa maneira impotentes para apreender uma certa malícia estrutural e corriqueira desse jogo social complexo.

O interessante é que Maffesoli, ao criticar a Modernidade, e com ela a razão instrumental, não propõe um retorno “saudosista” a pensamentos pré-modernos, como também não aponta para um “nihilismo” ou “fim da história”. Sua proposta epistemológica centra-se em reconhecer a riqueza presente no mundo social contemporâneo. Em reconhecer que na banalidade da vida cotidiana existe uma organicidade, diferenciada da apresentada por Durkheim, que temos que compreender. Essa organicidade contém uma estrutura complexa, na qual política e economia assumem o mesmo patamar dos sentimentos e das emoções, convivendo num movimento de justaposição e complementaridade. Para o autor, tanto a estética como as artes são expressivas desta complexidade vivida contemporaneamente.

Sua proposta é a de compreendermos o mundo através da figura metafórica de Dionísio, pois ele encarna o mito contemporâneo, contrapondo-se à figura de Prometeu, que representa todo o imaginário da Modernidade. A figura de Dionísio, segundo Maffesoli, assume a cristalização de uma multiplicidade de práticas e fenômenos sociais, que sem ele seriam incompreensíveis. Essa figura emblemática, que é, por sua vez, essencialmente estética, favorecendo as emoções e as vibrações comuns, contrapõe-se à figura metafórica de Prometeu, que representa toda a instrumentalidade racional do mundo.

Um *saber dionisíaco* é o que consegue dar conta de apreender esta ambiência emocional e descrever os contornos, as nuances, participando assim de uma hermenêutica social, revelando em cada um de nós os valores que estão sedimentados na memória coletiva. Este *saber dionisíaco* deixa aparecer o que está presente na subjetividade das massas. Mostrar que o conteúdo dos fenômenos que constituem a sociedade está repleto de sentimentos dos mais variados e ambíguos. *Voilà*, o *saber dionisíaco* apresenta a possibilidade do sociólogo *fazer-com*.

Neste sentido, o cientista social que atender ao convite da leitura terá a possibilidade de poder “olhar por dentro” e se integrar ao todo social a fim de compreender o fenômeno a ser estudado. Olhar a forma e o conteúdo da coisa a ser compreendida a partir de dentro. Porque tal leitura auxilia na revelação do que já está lá. Revela tanto uma prática pensada (racional) como uma prática “não pensada”, fundada especialmente numa identificação afetiva. Identificação esta fundada na emoção que tem uma função ética no plano social, seja no trabalho, seja nas festas, nos rituais religiosos ou nas artes.

Para Maffesoli, o importante é o reconhecimento da ambivalência dos sentimentos, sem esquecer da “parte do mal”. É o reconhecimento da ambivalência social e das possíveis “monstruosidades” presentes nas relações humanas. É o reconhecimento da complementaridade do bem e do mal, da doçura e da violência, da luz e das trevas. É reconhecer que somos barrocos. Para isso nos convida, assim como Maquiavel, a retirar a moral da Sociologia. Convida-nos a um banquete dionisíaco.